



A TORRE DE BABEL.

«Ora na terra não havia senão uma linguagem, e um mesmo modo de fallar.

«E os homens tendo partido do oriente, acharam um campo na terra de Sennaar, e habitaram n'elle.

«E disseram uns para os outros: Vinde, façamos tijolos, e cozâmol-os no fogo. Elles pois se serviram de tijolos por pedras, e de bitume por cal traçada:

«E disseram entre si: Vinde, façamos para nós uma cidade e uma torre, cujo cume chegue até o céu; e façamos celebre o nosso nome, antes que nos espalhemos por toda a terra.

«O Senhor porém desceu, para ver a cidade e a torre que os filhos de Adão edificavam; e disse:

«Eis-aqui um só povo, e uma só linguagem de todos; e pois que elles começaram esta obra, não desistirão do seu intento, menos que o não tenham de todo executado.

«Vinde pois, descâmos e confundâmos de tal sorte a sua linguagem, que não ouça cada um a voz do que lhe está proximo.

«E d'esta maneira é que o Senhor os espalhou d'aquelle logar para todos os paizes da terra, e elles cessaram de edificar a cidade.

«E por isso lhe foi posto o nome de Babel, porque n'ella succedeu a confusão da linguagem de toda a terra. E d'ali os espalhou o Senhor por todas as regiões (1).»

Eis, segundo as palavras magestosas da Biblia, a origem do mais antigo monumento de mundo, que o foi ao mesmo tempo da insanias dos homens

Apesar de haver sido erigido no anno 1757 da criação, 2247 antes de Jesus Christo, isto é, ha 4102 annos, pela chronologia vulgar, as suas ruinas, maravilha dos viajantes, existem ainda na região desolada que o Euphrates banha.

Nemrod, filho de Cus, esse robusto caçador diante do Senhor, como diz o Genesis, dirigiu a estulta empreza, da qual tambem os escriptores profanos nos conservam memoria, quando descrevem a guerra dos gigantes, que pretendendo escalar o céu e desenthronisar a Jupiter, puzeram uns montes sobre outros, suppondo por este meio poder chegar ao olympo.

Virgilio recorda esta antiquissima tradição nos seguintes versos do livro VI da Eneida:

Hic genus antiquum terrae, Titania pubes,  
Fulmine dejecti, fundo volvuntur in imo.  
Hic et Aloidas geminos, immania, vidi.  
Corpora, qui magnum rescindere coelum  
Aggressi, superis que Jovem detrudere regnis.

A torre de Babel, conhecida hoje pelo nome de Birs-Nemrod (palacio de Nemrod), está situada a dous kilometros da margem direita, ou occidental do Euphrates.

S. Jeronymo, firmado no testemunho de outros, diz que a torre de Babel tinha de altura quatro mil passos. Adon de Vienna, na sua chronica, assigna-lhe cinco mil cento e sessenta e quatro: finalmente os ju-

(1) Genesis, cap. XI, v. 1 a 9.

deus, no livro intitulado *Jalcut*, dão-lhe vinte e sete mil passos.

Isto não passa porém de conjecturas, que pouco credito podem merecer, por isso que são destituidas de fundamento solido.

No estado actual a torre de Nemrod, que é de forma oblonga e irregular, mede seiscentos noventa e quatro metros de circumferencia; a altura é desigual, e varia de dezeseis a vinte metros ao occidente, até cerca de setenta metros ao oriente.

Sobre este immenso terraço erguem-se restos de muralhas de tijolos cozidos, de altura de doze metros, e divididas em tres andares; pela sua construcção e materiaes parece terem pertencido a aposentos interiores.

Montes de tijolos e pedaços de muralhas têm desalado, e entulham o terreno. Todos os viajantes notam com espanto e profunda commoção immensas massas de tijolos vitrificados como pela acção de fogo violento, symptomas evidentes de um grande desastre, e prova irrefragel do raio que destruiu este monumento do orgulho de nossos paes.

O viajante inglez Mignan desenhou e mandou gravar uma d'essas massas vitrificadas, que tinha quatro a cinco metros de altura.

## NAVEGADORES PORTUGUEZES.

### III.

#### OS EXPLORADORES DE GUINÉ E CONGO.

Não se exija de nós mais do que promettemos. Estes humildes estudos sobre os nossos navegadores, são apenas fragmentos da gloriosa historia da marinha portugueza, esbocetos das magestosas figuras que apparecem na primeira luz d'esse grandioso quadro: querer encontrar n'esta serie de artigos a successão chronologica de todos os acontecimentos que prendem com a nossa historia naval, fóra uma pretensão absurda. Apenas os vultos dos mais ousados navegantes, alguns dos quaes parecem fabulosos por suas incriveis façanhas, poderão sobresaír na tela d'estes apontamentos: é a esses poucos que principalmente se dedica o presente trabalho. Não deixaremos, portanto, de dedicar algumas linhas a tantos outros, dignos tambem de especial menção; porém o leitor comprehende de certo que não é este o logar para se desenvolver mais amplamente tão fecunda materia.

Deixamos passado o cabo Bojador, esperançoso o duque de Vizeu, e desejosos de buscar aventuras pelo oceano os filhos da escola de Sagres, cujo maior numero eram creados do proprio infante e mareantes do Algarve. Agora seguil-os-hemos ao longo da costa de Africa, em demanda de novas terras e do resgate do ouro, seu mais lisongeiro sonho.

Logo em 1436 o mesmo Baldaya, que fóra companheiro de Gil Eannes, volta no seu barinel á exploração da costa, e, sempre crescendo para o sul, chegou mais ávante setenta leguas do que na anterior viagem, e encontrou finalmente homens de cor preta, á margem de um rio, que depois se denominou *d'aturo*, sem contudo poder *filhar* nenhum d'aquelles negros, que fugiram assustados para o sertão.

A infeliz expedição de Tangere, em 1437, distraiu o infante D. Henrique da sua occupação predilecta, e, logo no seguinte anno, a morte d'el-rei D. Duarte, lançando-o no vortice da politica, ainda o afastou mais da carreira dos descobrimentos. As-

sim porém que pôde desenvolver-se dos negocios do governo interno do paiz, atirou-se de novo sem descanso á civilisadora empreza que tomára a peito, justificando com as obras a nobre divisa que adoptára: **TALANT DE BIEN FAIRE**. Já em 1440, um escudeiro do infante D. João (Diniz Dias ou Diniz Fernandes) avançava até á foz do grande rio *Senegal*; Antão Gonçalves, joven guarda-roupa de D. Henrique, trazia a Portugal, em 1442, os primeiros mouros captivos de Guiné; e seu companheiro Nuno Tristão, regressava em 1443 deixando descoberto o cabo *Branco*. Em 1444, o escudeiro Diniz Dias (1) reconhecia o cabo *Verde*. Em 1445, seis caravelas capitaneadas por Lançarote Gil Eannes, Estevão Affonso, João Dias, Rodrigo Alvares, e João Bernardes, descobriam as ilhas de *Nar* e de *Tider*, e continuavam a exploração da costa; e no mesmo anno outra caravela, de que era patrão Vicente Dias de Lagos, e onde embarcou de passageiro o celebre veneziano Luiz de Cadamosto, visitando as terras já descobertas ao sul do rio *Senegal*, encontrou duas caravelas com alguns portuguezes, creados do infante, e o genovez Antonio de Nola; e navegando todos de conserva descobriram o rio *Gambéa*. Outro navegador, Gonçalo de Cintra, deu o seu nome, pelo mesmo tempo, a uma angra onde aportou, adiante do rio do Ouro, e foi morrer ás mãos dos mouros na ilha de Arguim. Começavam já então a ser muitos os navegantes enviados áquellas partes, não só por mandado do infante D. Henrique, mas tambem de seu irmão D. Pedro, regente do reino. Todavia estes esforços por descobrir novas terras não passavam de emprezas particulares; só depois da morte do duque de Vizeu é que o rei, o estado, se occupou d'este assumpto.

Antonio de Nola, Cadamosto e varios portuguezes, tentaram nova viagem em 1446, por ordem do infante, e descobriram quatro das ilhas de Cabo Verde: *Boa Vista*, *Santiago*, *S. Philippe*, e *S. Christovão ou Sal*. D'ahi seguindo para o sul deram vista do rio de *Casamansa*, e successivamente passaram o cabo *Vermelho* ou *Roxo*, os rios de *Sant'Anna*, *S. Domingos*, e *Grande*, d'onde voltaram ao reino fazendo caminho por umas ilhas, habitadas de negros, provavelmente as que formam o archipelago dos *Bissagos*.

Ao mesmo tempo muitos outros navegantes portuguezes, cujos nomes se podem ver na chronica de Gomes Eannes, percorriam o litoral de Guiné, e tentavam expedições atrevidas pelos rios, buscando ouro para si, e almas para o gremio do christianismo.

Nuno Tristão chegou em 1447 até ao rio de *Nuno*, e voltando a explorar o rio Grande, foi morto em um conflicto com os barbaros; Alvaro Fernandes passou mais além, e descobriu o rio de *Tabite*; D'esta data em diante tratou-se mais de mercadejar do que da gloria das descobertas, como nota o chronista Azurara; e é talvez por esse motivo que elle não proseguiu na importante tarefa, que tão dignamente encetára. A falta de escriptores contemporaneos lança sobre a epocha que vae seguir-se uma neblina cerradissima. Desde o anno de 1448, limite da mencionada chronica, até 1460, data da morte do infante, quebra-se o fio regular da narração historica a respeito

(1) Assim lhe chama Azurara: Barros e todos os escriptores mais modernos que o seguiram, dão-lhe o nome de Diniz Fernandes. Azurara não falla da sua anterior viagem ao Senegal, porém Cadamosto assegura, em 1443, que este rio fóra descoberto cinco annos antes. Acaso Diniz Dias e Diniz Fernandes eram diversas pessoas? Será difficil já agora essa averiguação. O mais provavel é que um dos historiadores errasse o nome, porém qual d'elles seria? Em todo o caso o homem chamado Diniz, e temos de contentar-nos com o nome de Diniz.

dos nossos descobrimentos. Barros salta, sem cerimonia, de 1449 a 1457; Damião de Góes nada apresenta de novo, e confunde ás vezes as datas dos successos; e o nosso moderno cardeal Saraiva, deixando em branco no seu *Indice chronologico* um intervallo de dez annos, attribue este lapso das chronicas á interrupção que deveriam ter os descobrimentos, attenta a idade já avançada de D. Henrique, os trabalhos de colonisação e cultura das novas ilhas descobertas a que tinha de dedicar-se aquelle principe, e o desgosto que deveria causar-lhe a fatal catastrophe da Alfarrobeira.

Em tempo de Affonso V, e já depois da morte do infante, descobriu Pedro de Cintra a *Serra-Leoa*, passou o cabo de *Palmas*, e chegou até a um logar de muito arvoredo, a que poz o nome de *Bosque de Santa Maria*. Este ousado navegante explorou mais de duzentas leguas além dos ultimos descobrimentos (1461 ou 1462). Depois um Fernão Gomes, que arrendou por cinco annos o commercio da costa d'Africa, com obrigação de descobrir cem leguas de costa em cada anno, encarregou d'essa exploração a dous creados d'el-rei, João de Santarem e Pero de Escobar; e estes, ajudados dos pilotos Martim Fernandes de Lisboa, e Alvaro Esteves de Lagos, descobriram o resgate do ouro na *Mina*, e passaram a linha equinocial. A gloria porém reverteu toda sobre Fernão Gomes, a quem el-rei mandou tomar o appellido da *Mina*, e deu brazão d'armas; e cujo nome apparece marcado no planispherio de Vuillemin, como o do primeiro que passou o Equador, assignando a esse successo a data de 1471. Ainda a outro portuguez, Sequeira, se attribue esta passagem de um para o outro hemispherio. Que foi um portuguez é que não pode restar duvida.

Já começa n'este tempo a mencionar-se a entidade de *piloto* nas relações de viagens. Alvaro Esteves, de que acima fallamos, dizem os historiadores haver sido muito entendido na sua arte; ora, esta arte pode-se com bons fundamentos assegurar que nasceu em Portugal com a escola cosmographica e nautica de Sagres, e que é ao infante D. Henrique que ella deve a sua criação, dependente dos aperfeiçoamentos geographicos que só então se encetaram, e do desenvolvimento maritimo que começava, animado pelo feliz resultado das primeiras descobertas, a mostrar a necessidade de novas cartas hydrographicas, instrumentos proprios para observar os astros, modificações na construcção e apparelho das embarcações, e por consequencia homens especiaes para se aventurarem no oceano perdendo a terra de vista, e guiando-se pelo curso do sol e das estrellas. A historia porém, ingrata, como obra dos homens que é, e reflexo da sua parcialidade e servilismo, tratou de commemorar os nobres appellidos dos capitães das naus que foram ás descobertas do Oriente, deixando quasi sempre no olvido os nomes populares dos intelligentes pilotos que lhes grangearam a gloria e as recompensas. Ninguem ignora que Bartholomeu Dias commandava a expedição que dobrou o cabo das Tormentas, e que Vasco da Gama capitaneou a frota que descobriu a India; mas nem todos sabem que o primeiro piloto de ambas as empresas era Pero de Alemquer, quando aliás o saber e experiencia maritima valiam mais em tal caso do que todas as cavallarias do mundo.

E ainda não eram unicamente os pilotos que contribuiam para a gloria dos capitães-móres das armadas; a bordo de cada galeão havia tambem o *mestre*, que partilhava com o piloto as funções outrora accumuladas no patrão da caravela ou da barca, o mes-

tre tratava do apparelho, dirigia a manobra, e guiava a marinagem; elle é o contra-mestre *vigiavam quarto* como o piloto, e tomavam igualmente a altura do sol; e até os marinheiros menos rudes sabiam *cartear* e fazer uso do astrolabio. Esses homens mereceram, todavia, menos consideração aos chronistas, do que o capellão da nau que exorcismava as aguas na tormenta, e que teve os frades da sua ordem para lhe registrarem o nome; menos consideração tambem do que o soldado aventureiro que apontava dextramente o arcabuz, ou attingia o alvo com um tiro de bombardarda.

O capitão-mór não era então, e não foi por muito tempo mais do que o chefe militar de uma expedição naval; o almirante o seu immediato no commando. Tinham de correr seculos antes que a organização do corpo da armada fizesse do mesmo homem o commandante, o primeiro piloto e ás vezes tambem o mestre da sua embarcação; que tudo isto é o official da marinha moderna.

Voltemos porém ao tempo de Affonso V.

Como dissemos, a falta de historiadores contemporaneos legou-nos confusa idéa das navegações d'esta epocha. Entre 1469 e 1471 se suppõe que Fernão do Pó descobriu a ilha *Formosa*, que depois tomou e ainda hoje conserva o nome do seu descobridor; e, mui provavelmente, por esse mesmo tempo se encontrariam as outras ilhas proximas do Equador, *S. Thomé*, *Principe* e *Anno-Bom*, ás quaes se não assigna, em escriptura alguma conhecida, os nomes dos descobridores; João de Barros apenas diz que foram visitadas por mandado d'el-rei D. Affonso. Talvez Fernão do Pó desse vista de todas ellas, ou então Lopo Gonçalves, que deu o seu nome a um cabo pouco distante das mesmas ilhas, na bôca do rio *Gabão*. A mira do vencedor de Alcacer-Ceguer estava porém na conquista da Mauritania, mais do que no progresso d'esses descobrimentos longinuos. Em 1471 caiu elle sobre Arzila e Tangere com tresentos vasos de todos os portes, e tendo ganhado o glorioso sobrenome de *Africano* com o venturoso remate de tão audaciosa empresa, falleceu em 1481, deixando por limite das suas descobertas o cabo de *Santa Catharina*, pouco além do Equador.

D. João II, seu successor, subiu ao throno animado do espirito do immortal infante D. Henrique, e logo no mesmo anno da sua exaltação despachou dez caravelas e duas urcas, sob a direcção do commendador d'Aviz, Diogo de Azambuja, a percorrer a costa de Africa, e fundar o castello de São Jorge da Mina; em seguida enviou Diogo Cão, a proseguir os descobrimentos além do cabo de Santa Catharina, o qual, ou os seus pilotos, encontraram o grande rio *Zaire* ou *Congo*, a terrá que depois constituiu o nosso reino de Angola e Benguella, e chegaram até ao cabo *Negro*, collocando padrões do senhorio portuguez em diferentes paragens.

Em 1486 descobriu João Affonso d'Alveiro o reino de *Benin*, sabindo pelo rio Formoso; e n'esse mesmo anno largou do Tejo a expedição destinada a buscar *aquelle occulto e grande cabo*, a que chamavam *Tormentaria*, e que era outro Bojador para os navegantes d'este tempo. Uma nova epocha, mais fertil em acontecimentos gloriosos, se abria para Portugal: os seus navegadores e depois os seus guerreiros iam levantar ao apogeu da grandeza esta nação de heroes, que nascendo com tão pequeno quinhão no mappa do globo, estendeu o seu dominio, por milhares de leguas, desde o estreito de Gibraltar até ao de Babel-mandel, do le o sino Persico até ao mar Amarello.

No seguinte capitulo encetaremos a narraçãõ d'esse glorioso periodo, a que podemos chamar a idade de ouro de Portugal; epocha de prodigios, em que brilham no Oriente tantos Achilles lusitanos; e, para que nada faltasse ao complemento da nossa gloria, appareceu para os cantar o Homero das nações modernas.

F. M. BORDALO.

### O ATHEU.

(FRAGMENTO).

Além, nas trevas, ouviu-se uma voz tetrica, que parecia sair de um sepulchro, e coada por entre os esqueletos; e era como a voz da morte. E os povos escutarão, e horriveis blasphemias chegaram aos seus ouvidos; e então disseram, estremecendo atterrados: É o brado do atheu!

E o que é esse atheu? —

Condemnado a passar por toda a especie de servidão, escravo do principe das trevas, escravo dos proprios instinctos, dos appetites mais vis, descera tão baixo, que além nada verá; e contudo inquieto, torturado procurará descer ainda! Onde vae? Que quer? Procura no desespero não sei que atroz alegria, que seguirá a sua intelligencia alienada; e então ouvirão dizer consigo:

Não ha outro Deus senão eu!...

A sua razão e paixões illudem-no de concerto; illudem-no sempre. Afadiga-se nas sombras; entra-nha-se em todos os caminhos; e em parte alguma encontra o repouso. Contemplae esse ente desprezível, um sinistro ardor o agita, no fundo da sua alma ha um pezar immenso; perdeu um grande bem, de que conserva como uma recordação confusa; e eil-o que revolve com afan as ruinas da intelligencia e do coração, esperando descobrir n'ellas a sciencia que lhe promettêra o espirito da mentira; e não encontra senão a duvida, a incerteza, o erro, os desejos lancinantes que o consomem, a fallaz imagem do bem, a triste realidade do mal...

A fé, que elle quizera persuadir-se ser impossivel, domina-o; mau grado dos seus esforços, não pode vencel-a inteiramente; é-lhe impossivel alcançar uma incredulidade completa e tranquillã; como um phantasma temeroso a verdade allumia-lhe a espaços as trevas do espirito. N'elle verifica-se o que annunciára o propheta: Haverá ali um dia conhecido do Senhor, e não é dia; não é tão pouco noite. Que será pois? Não será esse clarão incerto que paira e vacilla em uma intelligencia torturada? Não será esse penoso estado de duvida em que vemos precipitar-se o impio!

Mas um tal estado não permanecerá muito tempo; um dia virá, accrescenta o propheta, em que a luz rasgará as sombras. Luz terrivel, que erguendo-se á borda do sepulchro raiará constante em uma eternidade de tormentos!

LAMENNAIS.

### O IMPERIO DA RUSSIA.

SEU INCREMENTO SUCCESSIVO — SITUAÇÃO ACTUAL.

O imperio da Russia deve a sua origem ao grão-ducado de Russia, fundado em 862 pelo chefe dos waregues da Scandinavia, Rurik, que se apoderou da republica slava de Novgorod.

No anno 1000 Oleg e seus successores submette-

rio até os montes Karpathos; mas em 1238, em seguida á invasão dos tartaros, a Russia vencida ficou sujeita aos khans dos mongoles, e os grão-duques tornaram-se vassallos d'estes.

Na epocha da ascensão ao throno de Ivan III Wasilievitch, a superficie do grão-ducado era de 18:200 milhas quadradas geographicas de Allemanha (a milha quadrada allemã equivale a 56 kilometros quadrados) e a população de seis milhões de habitantes.

Este principe libertou a sua patria do jugo humilhante dos mongoles, e reuniu sob o seu sceptro os estados que constituem hoje os governos de Moskow, Vladimir, Nijnei-Novgorod, Véliki, Toula, Kalouga, Iaroslav, Kursk, Voronéje, Olonetz, Kostrowa, Vologda, bem como os principados de Twer e de Plescov, de Tchernikov e de Severesk: por sua morte, succedida em 1505, a superficie da Russia era já de 37:137 milhas quadradas geographicas allemãs, e a sua população, em 1510, de dez milhões de habitantes.

Vasili IV, Ivanovitch, successor de Ivan, apoderou-se dos territorios que formam actualmente o governo de Archangel (1552). Ivan IV apossa-se das provincias de Kazan e de Sibir; submete e impõe tributos aos tartaros da Criméa e de Astrakan, e repelle os tartaros nogaias para a região que se estende entre o Volga e o Jaik. Por sua morte a superficie do imperio era de 125:465 milhas quadradas geographicas allemãs, e a sua população de doze milhões de habitantes.

Sob Féodoro I (1594) a Siberia é conquistada até o lago Baikal e a Iénissei, e fundam-se as cidades de Tobolsk e de Tomsk. O czar Alexis Mikailowitch sujeita (1654) toda a pequena Russia, bem como as provincias de Tcharkov, de Tambov, de Orel, de Riazan e de Ekaterinoslav. Fundam-se Irkoutsk, Iakoutsk e Nertchinsk na Siberia. Descobrimento da nova Zembla.

Ao começar o reinado de Pedro I, em 1689, a superficie do imperio era de 263:900 milhas quadradas geographicas allemãs, e a sua população de quinze milhões de habitantes.

Pedro I toma á Polonia os ducados de Smolensko e de Tchernigov, uma parte do grão-ducado da Lithuania, as cidades de Kiew-Biala, Wiazma, e o territorio dos cosacos Zaporogos; apodera-se de Azov, funda Taganrog no mar de Azov, e S. Petersburgo no golfo de Finlandia, manda reconhecer o Kamtschatka, as ilhas Kouriles e Aleutienses; apossa-se em 1721 da Carelia, de uma parte da Finlandia, da Livonia, da Ingria e da Esthonia, e das ilhas Moen, Osel, Dago, na costa da Suecia; de sorte que á data da sua morte, acontecida em 1725, a superficie do territorio russo era de 273:815 milhas quadradas geographicas allemãs, e a sua população superior a vinte milhões de habitantes.

Em 1731, reinando Anna Yvanova, são submettidos os cosacos kirghiz e os tshouktschis da Siberia septentrional. Isabel Petrowna adquire em 1741 a provincia sueca de Kymenegard, e varios portos e districtos situados na embocadura do Kymen (1762).

Sob Catharina II os russos apossam-se do angulo nordeste da America septentrional, além do estreito de Behring; tomam algumas cidades chinezas ao sul da Siberia, arrebatam á Turquia a Criméa ou Taurida, e á Persia a ilha de Taman e o Kouban, e finalmente começam a conquista da Georgia e de uma parte do Caucaso. Por sua morte (1796) a superficie do imperio achava-se elevada a 325:810 milhas quadradas geographicas allemãs, e a população a trinta

e seis milhões de habitantes. No seu reinado, isto é, em 1772, em 1793 e em 1795, tiveram lugar os tres desmembramentos successivos da Polonia.

Sob Alexandre I (1805) em consequencia da guerra contra a Persia, as provincias de Chirwan, de Ganja, de Scheki de Karabang são occupadas militarmente, em 1806 é-lhe arrancada Derbend. Em 1808 pelo tratado de Frédrikshamn consegue a Russia a posse do que restava da Finlandia sueca. Em 1809, pelo tratado de Vienna, os russos obtêm a provincia de Tarnopol, que fazia parte da Gallicia, ficando pertencendo á Austria a cidade apenas.

Em 1812, pelo tratado de 28 de maio, o imperio ottomano cede a Bessarabia, e o Pruth torna-se d'então em diante o limite dos dous paizes. Finalmente n'este mesmo reinado, isto é, em 1814, a Persia abandona á Russia a Georgia, a Imeretia, a Mingrelia, Bakou, o Daghestan, o Moghan, e Talisch; de modo que por morte de Alexandre I, em 1825, a superficie do imperio ascendia a 355:494 milhas quadradas geographicas allemãs e a sua população a cincoenta e tres milhões de habitantes.

No reinado do imperador Nicolau a Persia cede, em 1828, as provincias de Erivan, de Nouskchirwan e a fortaleza d'Abbas-abad; em consequencia da guerra contra a Turquia, e da campanha que conduziu o czar até cêrca das muralhas de Schumla, terminada pelo tratado de Adrianople de 14 de setembro, a Porta cede definitivamente á Russia Poti, Anapa, Akhalkzike, Achalkalaki e uma grande parte das costas do mar Negro, ao mesmo tempo que se desarmava, abandonando as praças fortes da margem esquerda do Danubio, e destruindo as fortificações da maior parte das praças da margem direita, fortificações que tiveram de ser reconstruidas nos ultimos tempos. Estes diversos augmentos elevaram a extensão do imperio ao ponto em que se acha actualmente, medindo nada menos de 359:310 milhas quadradas geographicas allemãs, com uma população total de sessenta e seis milhões de habitantes, pouco mais ou menos.

Observamos n'este resumido quadro como o imperio moscovita se foi successivamente opulentando com os despojos de outras nacionalidades. Vejâmos agora qual era a sua situação ao começar a guerra, que prende presentemente a attenção universal.

O imperio da Russia é o mais vasto do globo. Os immensos territorios que o czar possui na Europa, na Asia e na America medem em superficie cêrca de 22.029:480 kilometros quadrados; isto é, 5.422:285 na Europa, 15.644:695 na Asia, e 962:500 na America. A população total ascende a 65.961:350 habitantes, sendo 60.500:000 na Europa, 5.400:350 na Asia, e 61:000 na America.

O imperio russo é limitado ao norte, pelo oceano glacial Arctico; a leste, pelas possessões inglezas da America do norte e pelo oceano Pacifico; ao sul, pelo mar Negro, a Turquia d'Asia, a Persia, a Tartaria independente, a China, o Japão e a America ingleza; a oeste, pela Noruega, a Suecia, o Baltico, a Prussia, a Austria e a Turquia.

Compõe-se:

1.º Da Russia propriamente dita, dividida geographicamente em Russia de Europa (provincias balticas, grande Russia, pequena Russia, Russia meridional e Russia occidental) Russia d'Asia (Siberia, stepes dos kirghiz, provincias do Caucaso, e ilhas do grande oceano Pacifico) e Russia de America;

2.º Do reino de Polonia;

3.º Do grande principado de Finlandia.

A maxima parte do territorio do imperio russo,

tanto na Europa como na Asia, é uniformemente dividida em cincoenta e seis provincias administrativas, das quaes o maior numero tem o nome de *governo*, e algumas sómente o de *provincia*: o governo mais recente é o de Samara, com uma capital do mesmo nome, que foi organizado em 1850 a expensas dos de Orenburgo, Saratow e Simbirsk. O resto do territorio compõe-se de divisões ao mesmo tempo politicas e administrativas, que são: o principado da Finlandia, o reino de Polonia, os paizes do Caucaso, e o territorio dos kirghiz.

Varios governos, ou provincias, reunidas sob as ordens de um chefe militar, formam por excepção, os governos geraes militares da Nova Russia, da Russia-Branca, de Grodno, e de Minsk, das provincias balticas, da Polonia, e Volynia, da Siberia occidental, da Siberia oriental e do Caucaso. Os governos de S. Petersburgo e de Moscow têm igualmente o titulo de governos geraes militares. Algumas cidades constituem tambem governos subalternos; como por exemplo, as de Odessa, Féodosia, Taganrog, Rostof, Nachitschvan, Mariopol, Kertsch e Jenikalé. Moscow e S. Petersburgo são as capitães do imperio: estas duas cidades estão ligadas entre si por um caminho de ferro. As outras cidades principaes do imperio são: Novgorod, Pskof, Tver, Kostroma Nijni-Novgorod, Iaroslav, Vladimir, Riasan, Tambow, Orel, Koursk Witepsk, Mohilew, Minsk, Vilna, Grodno, Bialystok, Jitomir, Kiew, Kharkow, Taganrog, Kherson, Odessa, Sebastopol, Bender, Ismail, Simpheropol, Kazan, Simbirsk, Astrakan, Oufa, Perm, Viatka, Tiflis, Tobolsk, Irkontsk, Archangel, Olonetz, Vologda, Rigga, Abo, Mittau, Helsingfors, Kronstadt, Smolensko, Varzovia, Praga, Kalisch, Lublin etc. etc.

As provincias balticas, as do mar Negro e o governo de Moscow, são provincias agricolas; Odessa é o emporio do commercio de cereaes para exportação; a industria florestal tem sua principal sede nos governos de Volynia, de Saratow, de Simbirsk, de Wiatka, de Riasan, de Orenburgo e de Kostroma.

A sede principal da industria mineira é na Siberia, no Oural, e nas montanhas de Nertschinsek; os productos mais consideraveis são o ouro, a platina, o cobre e o ferro. Nos montes Ouraes encontram-se jazigos de ouro misturado com platina, que se suppoem riquissimos. O rendimento annual de todas as minas avalia-se em 48 mil contos de réis da nossa moeda.

A industria manufactora ha vinte annos para cá tem tomado um grande desenvolvimento na Russia; e já se começa, em certas provincias centraes, a laborar as materias primas, que outr'ora se enviavam para o estrangeiro, a fim de ahí serem fabricadas. As estatisticas da importação e da exportação apenas exprimem aproximativamente o valor do commercio da Russia com os paizes estrangeiros. O contrabando, facil pela immensa extensão das fronteiras, e incitado pela exorbitancia dos direitos de alfandega, subtrahê á verificação da auctoridade immensa cópia de mercadorias.

Em 1845 o valor das importações em todo o imperio foi de 45 mil contos de réis, o das exportações, no mesmo anno, de 48 mil contos de réis. Em 1851 as exportações montaram a 50 mil contos de réis, e as importações a 52 mil contos de réis.

Grande parte das operações commerciaes do imperio realisa-se nas feiras, sendo de todas a mais importante a de Nijni-Novgorod; as immediatas a esta são as feiras annuaes de Nijni-Lomof, Penza, Lebedian, Iakoutsk, Simbirsk, Romna, Irbit, Saratov, Tombov, Taganrog, Koursk, Rostov, Kharkov.

Os principaes entrepostos do commercio da Russia por via terrestre são: Kiakhta, para o commercio da China; Volangen e Georgemburgo, para o commercio da Prussia; Radziwilow, para o commercio da Austria; Vilna, Grodno, Kowno, Litewski, para o commercio da Polonia. S. Petersburgo, Moskow, Riga, Narva, Archangel, Astrakhan, Irboutsk e Tobolsk consideram-se os mais ricos centros do commercio interno. Ha trinta e seis portos maritimos na Russia, contando-se como mais notaveis; no Baltico, S. Petersburgo, Riga, Libau, Pernau, Revel, Narva, Windau; no mar Branco, Archangel; no mar Negro, Odessa; no mar de Azov, Taganrog; no mar Caspio, Astrakhan e Bakou. No anno de 1851 entraram nos portos russos 7:323 navios, e saíram 7:342. Os portos do mar Baltico e do mar Negro são os mais frequentados.

O exercito russo apresenta, em tempo ordinario, a força effectiva de 853:000 homens; e compõe-se dos seguintes corpos:

1.º — Grande exercito de operações na Europa: 386:000 homens, 79:720 cavallos, e 1:200 peças de artilharia.

2.º — Exercito de reserva na Europa: 182:000 homens, 17:920 cavallos, e 472 peças de artilharia.

3.º — Exercito do Caucaso: 170:000 homens.

4.º — Corpo de exercito da Finlândia: 13:000, em 16 batalhões de infantaria, e uma brigada de artilharia.

5.º — Corpos de exercito de Ouremburgo: 36:000 homens, em 16 batalhões de infantaria, 16 regimentos de cosacos do Oural, e uma brigada de artilharia.

6.º — Corpo de exercito da Siberia: 16:000 homens, em 16 batalhões de infantaria, e uma brigada de infantaria.

7.º — Corpos irregulares de cosacos, na força de 50:000 homens.

As praças de guerra regulares, todas nas fronteiras europeas, são: Helsingfors, Sweaborg, Frédrikshamn, Kronstadt, Narva, Riga, Dunaburgo, Smolensko, Koczim, Bender, Taganrog, Zamosc, Modlin e Varzovia. Os arsenaes estão em S. Petersburgo, Moskow, Novgorod, Riga, Kiev, Novo-Tscherkask e Briensk. As manufacturas de armamento encontram-se em Toula, Sestrabeck e Brianok; as fundições de artilharia em S. Petersburgo, Moscow, Kherson, Petrossavodsk e Lipezk. Finalmente ha uma fabrica de polvora em Okhta, cêrca de S. Petersburgo.

A marinha de guerra russa está muito abaixo da importancia que se lhe attribuia; entretanto conta poderosos elementos de existencia, e um material mui consideravel.

A esquadra compõe-se de 45 naus de linha, 30 fragatas e mais de 250 navios menores, chalupas canhoneiras pela maior parte, destinadas a defender as costas do Baltico. Aquella esquadra, em tempos normaes, é repartida em cinco divisões, composta cada uma de 9 naus, 6 fragatas de vela ou a vapor, e outros navios menores. A primeira, segunda e terceira divisão estacionam no mar Baltico; a quarta e quinta no mar Negro. No mar Caspio e no mar de Okhotsk navegam flotilhas de vasos de pequeno porte. Pode avaliar-se o numero dos marinheiros russos em 45:000, e o das bocas de fogo em 6:000. As costas e os recifes da Finlândia e da Esthonia fornecem á Russia muitos e excellentes marujos.

Não se sabe com exactidão qual seja a receita publica da Russia; todavia pode affiançar-se que não está em harmonia com a immensidade de um imperio, cuja superficie é igual ao quadruplo da da Europa

occidental. O rendimento conhecido tem duas origens: 1.º — Receita proveniente dos dominios da corôa, 26 mil contos de réis; 2.º receita das alfândegas, 21 mil contos de réis. A divida publica avalia-se na somma enorme de 256 mil contos de réis!

Damos em seguida o quadro da população do imperio da Russia, dividida pelas raças e pelas religiões.

#### População pelas raças.

Russos da Grande Russia . . . . .	33.000:000
Ditos da Pequena Russia . . . . .	11.500:000
Ditos da Russia Branca . . . . .	3.600:000
Lithuanios e polacos . . . . .	7.000:000
Finnenses e Litonienses . . . . .	3.500:000
Tartaros e mahometanos . . . . .	2.500:000
Allemaes . . . . .	600:000
Armenios . . . . .	2.000:000
Judeus . . . . .	1.500:000
Raças do Oural . . . . .	700:000

#### População pelas religiões.

Igreja orthodoxa russa oriental . . . . .	49.000:000
Igreja catholica romana . . . . .	7.500:000
Igreja protestante . . . . .	3.500:000
Islamismo . . . . .	2.800:000
Judaísmo . . . . .	1.500:000
Armenios catholicos e gregorianos . . . . .	1.000:000
Idolatrás . . . . .	600:000

O sabio escriptor (1), a quem devemos esta curiosa noticia, acrescenta:

«A Russia deve principalmente a sua força á sua posição geographica, ás difficuldades immensas que oppõe ás invasões de um inimigo, mesmo victorioso, a ausencia de boas estradas em quantidade sufficiente, o rigor dos invernos nas regiões boreaes, a esterilidade do solo em certas partes do imperio, o caracter peculiar dos habitantes, e o pequeno numero de cidades de importancia, que torna difficil o estabelecimento de grandes depositos de provisões, tanto mais necessarios quanto mais longe se está dos proprios recursos.»

#### A FLOR PERDIDA.

Une femme dans une rose.

DUPATY.

No pó das salas, coitada,  
Achei a rosa perdida.  
A bella rosa encarnada  
Que aos salões fóra trazida:  
Ali, no chão esquecida,  
A pobre rosa singela  
Só lastimava o desprezo  
Da descuidada donzella,  
Que pelo brilho das salas  
Trecára os perfumes d'ella!  
Tive dó da flor mimosa,  
Quiz-lhe dar alento e vida,  
Mas a pobre flor perdida  
Não voltou mais a ser rosa.  
Pois cerquei-a de cuidados,  
Tratei-a com mil amores;  
Mas, ou eu não entendia  
De como se tratam flores.

(1) Malte Brun. Geographie du Theatre de la Guerre. 1854

Ou se cuidal-as sabia,  
 Não pude salvar aquella  
 Que aos salões fôra trazida,  
 Para, por mãos de donzella,  
 Nas salas ficar perdida.  
 Já secca, já desbotada,  
 A rosa chamei-lhe minha;  
 Se por momentos rainha  
 Brilhára no peito d'ella, —  
 Quiz, depois de abandonada,  
 Dar á pobre flor mimosa  
 Os conselhos que eu daria  
 Nas salas a toda a rosa.  
 «Donzella que inspira amores,  
 Deve ter toda a cautela  
 Em não os deixar perdidos,  
 Como deixa as outras flores;  
 Porque amores, esquecidos  
 Pela donzella orgulhosa,  
 Ninguém procura salvar-os  
 Como eu quiz salvar a rosa,  
 Que aos salões fôra trazida,  
 Para, por mãos de donzella,  
 Nas salas ficar perdida.»

L. A. PALMEIRIM.

### AS CRÉCHES EM PORTUGAL.

Poucos estabelecimentos de caridade haverá tão fáceis de sustentar, e ao mesmo tempo de um alcance tão grande como as crèches ou *presepios*.

E todavia no nosso Portugal, aliás rico de instituições beneficentes grandiosamente dotadas, apenas existe a crèche de S. Vicente de Paulo, na cidade do Porto.

Fundada pelo sr. J. V. Martins, sujeito a quem a humanidade deve valiosos serviços, e cuja prematura morte sinceramente deplorámos, a crèche de S. Vicente de Paulo é sim um estabelecimento excellenté, mas não pode supprir as necessidades moraes de uma povoação manufactora como é a nobre capital das provincias do norte.

Entretanto já ali ha um principio: já ali o instituto admiravel, que mr. Marbeau implantára em França, no anno de 1844, lançou raizes, e confiámos que fructificará; porém, na capital do reino, envergonhâmo-nos de o confessar, não existe uma só crèche, e muita gente talvez ignora ainda o que semelhante palavra significa.

Um trabalho completo e consciencioso do sr. J. M. Nogueira, publicado em 1851 (1), as exhortações de pessoas zelosas do bem publico, os conselhos da imprensa, tudo tem sido em vão.

E contudo cada vez se torna mais urgente a generalisação d'esta e de outras instituições humanitarias com que nações mais adiantadas do que nós têm acudido a grandes miserias!

Não tardará muitos annos que os caminhos de ferro cortem o territorio portuguez em varias direcções; com este rapidissimo meio de communicação virá o desenvolvimento de todas as industrias; gosaremos finalmente todas as vantagens materiaes de uma civilisação perfeita.

Ella trará porém igualmente inconvenientes attendiveis, inevitaveis. E havemos de amaldiçoal-a, porque, como tudo o que é obra de homens, não está

isenta de imperfeições? A boa razão não pode approvar semelhante absurdo.

Que cumpre pois fazer n'estas circumstancias? Estudar com animo seguro os grandes problemas sociais, e procurar que a nossa patria seja, quanto antes, dotada dos meios que se suppõem mais efficazes para obviar aos perigos que se devem esperar.

As crèches, complemento das casas de asylo, que sob a direcção da augusta e veneranda viuva do sr. D. Pedro IV, sua magestade imperial a sr.<sup>a</sup> duqueza de Bragança, tão prestantes serviços têm feito á educação popular, as crèches dizemos são realmente de uma vantagem incontestavel. Enviámos o leitor curioso para o artigo sobre as crèches publicado a paginas 67 do volume X d'este semanario, pelo nosso illustre collaborador o sr. conselheiro Bastos. O regulamento que segue, notavel pela correcção do estylo, e clareza de suas disposições, é o melhor commentario que pudemos offerecer ao referido artigo.

Oxalá que a sua leitura desperte no coração dos nossos patricios, o desejo de concorrer efficazmente para que em Lisboa, onde se contam já tantos e tão importantes estabelecimentos fabris, se realise a fundação das crèches.

#### REGULAMENTO DA CRÉCHE DE S. VICENTE DE PAULO, DA CIDADE DO PORTO.

A crèche é uma associação de beneficencia, estabelecida para meninos pobres, cujas mães trabalham fóra de seus domicilios. Os membros d'esta associação tem o titulo de protectores.

Ella é internamente governada por uma direcção de senhoras, das quaes uma é presidente, outra vice-presidente, outra secretaria, outra thesoureira, podendo uma d'estas supprir as faltas da outra.

A admissão e despedida dos meninos, assim como das empregadas, é uma das suas privativas attribuições.

É governada exteriormente por outra direcção composta de homens, sendo um presidente, outro vice-presidente, outro secretario, outro thesoureiro, e outro fiscal, que em caso de necessidade suppre as faltas de secretario.

A esta direcção compete a solicitação, arranjo e gerencia dos meios necessarios para a sustentação do estabelecimento, assim como a fiscalisação da integral execução do regulamento, convocando a assemblea geral dos protectores e protectoras, para decidir ou determinar aquillo, que por accôrdo das duas direcções se não puder determinar ou decidir.

A direcção interna é eleita por escrutinio, e pluralidade de votos das protectoras presentes; a externa da mesma maneira, pela maioria dos votos dos protectores presentes. A reeleição pode ter lugar por dous terços dos votantes.

As eleições se devem repetir, no principal salão da crèche, todos os annos, em certos e determinados dias, fazendo-se n'um a dos homens, e n'outro a das senhoras; e sendo n'esse acto apresentadas as contas das gerencias respectivas.

Todas as pessoas, que gosam da qualidade de protectores ou protectoras, têm o direito de inspecção sobre as operações da crèche; mas não contrahe obrigação alguma pecuniaria. Qualquer beneficio, que se lembrem de fazer, será absolutamente espontaneo, será recebido com reconhecimento, e não será exigivel.

Na crèche não são admissiveis senão meninos de

(1) Almanak Popular para 1852, pag. 29

menos de tres annos, cujas mães são pobres, bem procedidas e trabalham fóra dos seus domicilios. Igualmente é necessario que não sejam doentes, e que tenham sido vaccinados. A certidão do seu baptismo e o attestado da vaccina devem depositar-se na secretaria da crèche.

No salão da crèche devem haver tres livros, sempre patentes para poderem ser vistos por quem os quizer ver, e que ninguem d'ahi poderá nem momentaneamente retirar.

O primeiro conterà o regulamento da crèche, as actas das eleições, as deliberações que se forem tomando, ou pela assembléa geral, ou pelas direcções.

O segundo conterà os nomes, as idades, a filiação dos meninos, e os dias das entradas e os das saídas, quer estas sejam perpetuas, quer temporarias. N'elle haverá uma casa para as determinações das senhoras directoras, e outra para as observações e prescripções medicas.

O terceiro será destinado para as observações dos senhores e senhoras protectoras, assim como para se assentarem as esmolas d'elles e d'ellas, ou de quaesquer visitantes que ahí as deixarem, com a designação de seus nomes, se o permittirem, ou a nota de anonymos em caso contrario.

A crèche deve estar aberta desde as cinco horas e meia da manhã, até ás oito e meia da noute. Nos domingos e dias santificados deve estar fechada.

Todos os objectos, de que se compõem os berços, devem arejar-se de noute, o pavimento varrer-se uma ou mais vezes no dia, e de outo em outo dias lavar-se: porém de maneira que esteja enxuto ao receberem-se os meninos.

As mães os devem levar limpamente enfaixados ou vestidos, segundo as suas idades, devem fornecer os pannos necessarios para a sua limpeza diaria, aos quaes se porá o numero correspondente ao dos berços que os meninos occuparem, e devem ir na hora do descanso aleital-os, se ainda d'isso precisarem.

As mães, ao entregarem ás guardas os seus meninos, devem entregar-lhes dez réis por cada um, sendo menores de dous annos, e um vintem sendo de dous a tres.

As guardas devem aos meninos todos os seus cuidados, e têm obrigação de tratá-los como se fossem seus proprios filhos. A limpeza, a lavagem, o aceio das casas, mesmo a lavagem de algumas cousas, que não possam esperar pelo serviço das lavadeiras, e que sejam susceptiveis d'ellas as poderem enxugar, igualmente lhes pertencem.

Devem andar decente e uniformemente vestidas. O seu salario é o de duzentos réis diarios, e um vestido annual. As que não completarem o anno não terão direito algum ao vestido. Não poderão receber supplemento ou gratificação alguma das mães. Em caso de contravenção, serão immediatamente despedidas.

A guarda, que parecer mais capaz, responderá pela mobilia, e pela degradação extraordinaria que n'ella houver, salvo o recurso contra o verdadeiro culpado.

Se alguma guarda houver, que muito se distinga pelo seu zelo, pelo cuidado, pelo carinho, pelo affecto verdadeiramente maternal, para com as crianças; ou por algum outro serviço a bem da crèche, que mereça especial consideração, a direcção externa sobre proposta da interna poderá conceder-lhe uma gratificação.

As senhoras da direcção devem distribuir entre si a visita diaria da crèche. No caso de impossibilidade

de alguma ou algumas d'ellas, poderá a snr.<sup>a</sup> presidente convidar a que faça as suas vezes alguma das senhoras protectoras, e as guardas devem pontualmente cumprir todas as suas determinações.

Nenhuma das direcções nem ambas poderão alterar artigo algum do presente regulamento, e só o poderá fazer competentemente reunida a assembléa geral da associação.

#### FENOMENOS METEORICOS.

No anno 1000 seccaram em Inglaterra quasi todas as fontes e rios.

Em 1022 perceram de calor no meio dia da Europa muitos homens e animaes.

Em 1303 e 1304 atravessaram-se a vau os principaes rios da Europa.

Em 1646 experimentaram-se calores horriveis.

Em 1718 não choveu uma só vez desde o mez de abril até o de outubro. Os thermometros marcaram 36 graus de Réaumur.

Em 1811, celebre pelo famoso cometa que percorreu toda a Europa, houve extraordinarios calores; mas as colheitas de vinhos foram em geral mui abundantes, e de excellente qualidade.

Em 1818 fecharam-se quasi todos os theatros por causa do calor, que chegou muitos dias seguidos a 35 graus.

#### MEIO DE DESCER SEM PERIGO AOS POÇOS.

Os individuos, que pela sua profissão, ou qualquer outro motivo, têm de descer a poços, acham-se expostos aos graves accidentes, resultantes das emanações de miasmas ou do acido carbonico que n'elles se contém. Parece que ha porém um meio de escapar aos tristes accidentes a que nos referimos, o qual consiste em lançar previamente nos poços, que se pretende examinar, uma porção proporcionada de agua a ferver. O auctor, de quem copiámos esta receita, affiança que o perigo desaparece em presença d'esta precaução.

Quando um potentado desce os degraus do seu jazo, que é o que leva? Os palacios, de que já outros estão tomando posse? Os canticos dos lisongeiros, que lhe deram costas logo que cessou de assignar graças? Os sacos de ouro, que não cabem por aquella portinha? Os cordões e gran-cruzes, que a morte repulsa, porque é seria? Os louros das victorias, que n'essa hora aterram, porque se vêem claramente suar sangue? Não: para dentro d'aquelle carcere pomposo, por entre aquelles umbraes estreitos, por onde se entra e se não sae, nada passaria com elle para derradeiro consolo, senão a claridade das luzes, que lá por fóra deixasse accesas; senão os echos das benções, que para si andasse semeando no semear para os outros felicidade!

#### CASTILHO — FELICIDADE PELA AGRICULTURA.

É uma lei da Providencia ser quasi sempre a prodigalidade herdeira da avareza.